

A Preexistência Eterna do Filho

Robert L. Reymond

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

A última observação de Geerhardus Vos nos catapulta para o centro de uma controvérsia que gira em torno da pessoa de Cristo: Jesus reivindicou para si a preexistência, e se sim, em que sentido: no sentido ontológico (essencial) ou no sentido ideal (“prever”)? O Evangelho de João testemunha que Jesus reivindicou a preexistência eterna: “Glorifica-me, ó Pai”, Jesus orou, “com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (João 17:1,5). De fato, com “minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (João 17:24). Esta reivindicação da parte de Jesus a uma preexistência eterna com seu Pai não é uma aberração, pois ele fala em outro lugar, embora de certa forma em termos diferente, dessa mesma preexistência:

João 3:13: “Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem *que está no céu*”.

João 6:38: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou” (Veja também 6:33, 50, 58).

João 6:46: “Não que alguém tenha visto o Pai, salvo aquele que vem *de* [grego *para*, com genitivo; isto é, do lado do] Deus; este o tem visto”.

João 6:62: “Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava *antes* [grego *to proteron*]?”.

João 8:23: “E prosseguiu: Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou”.

João 8:38: “Eu falo das coisas que vi junto de meu Pai; vós, porém, fazeis o que vistes em vosso pai”.

João 8:42: “Eu vim de [grego *ek*, com genitivo] Deus”.

João 16:28: “Vim *do* [grego *ek para*] Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai” (veja também 9:39; 12:46; 18:37).

Mas talvez a maior afirmação de preexistência eterna seja encontrada na expressão “Eu sou” de João 8:58. É verdade, a maioria dos seus “Eu sou” possui um complemento subjetivo de algum tipo, tais como:

“Eu sou o Pão da Vida” (João 6:35, 48, 51);

“Eu sou a Luz do Mundo” (8:12; 9:5);

“Eu sou a Porta das Ovelhas” (10:7, 9);

“Eu sou o Bom Pastor” (10:11, 14);

“Eu sou a Ressurreição e a Vida” (11:25);

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (14:6); e

“Eu sou a Videira” (15:1, 5).

Mas de acordo com D. A. Carson, “duas são indubitavelmente absolutas tanto em forma como em conteúdo... e constituem uma auto-identificação explícita com o Iavé que já tinha se revelado aos homens em termos similares (veja em especial Isaías 43:10-11). As duas declarações as quais Carson se refere são João 8:58 e 13:19, mas poderia haver outras também, tais como seu uso do “Eu sou” em João 6:20; 8:24, 28 e 18:5-8. Em João 8:58, permanecendo diante de homens que o consideravam demoníaco, Jesus declarou: “Antes que Abraão existisse, EU SOU”, invocando não somente o termo que Iavé tinha escolhido no Antigo Testamento como seu termo especial de auto-identificação, mas reivindicando também uma preexistência (veja “antes que Abraão existisse”) apropriada somente para alguém que possui a natureza de Iavé. Seu significado não passou despercebido da sua audiência, pois eles “pegaram em pedras para atirarem nele” (8:59). Eles entenderam que Jesus estava reivindicando a preexistência divina para si mesmo, e assim, fazendo-se igual a Deus. No caso do seu “Eu sou” em 13:19-20, o próprio Jesus explicou suas implicações na sua unidade com o Pai e, conseqüentemente, sua identidade com Iavé, quando ele declarou no seguinte versículo: “quem me recebe, recebe aquele que me enviou”. Jesus admitidamente poderia estar simplesmente se identificando aos seus discípulos apavorados, mas como Carson observa: “Apesar disso, nem todo ‘Eu’ poderia ser encontrado andando sobre a água”. Então, em 8:24, seguindo imediatamente sua declaração de que ele era “de cima” e “não deste mundo”, o “Eu sou” de Jesus em sua declaração, “se não credes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados”, certamente está carregada de implicações divinas. Finalmente, no caso do seu “Eu sou” em 18:5-8, tão logo ele pronunciou estas palavras, seus supostos captors “recuaram e caíram por terra”. João certamente pretendia sugerir através disso que seus leitores deveriam reconhecer também na confissão de Jesus – de que ele era Jesus de Nazaré – sua implícita auto-identificação com Iavé.

Fonte: Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith*, 2nd Edition - Revised and Updated, p. 230-232.